

## **Relatório de Estágio na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada**

**Daniela Melo Sampaio**

### **Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto**

**Versão corrigida e melhorada após defesa pública**

**Junho, 2020**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica do  
Professor Rui Zink.

# **Relatório de Estágio na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada**

**Daniela Melo Sampaio**

## **Resumo**

Este relatório é o resultado do estágio curricular de mestrado em Edição de Texto realizado na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada desde o dia 1 de outubro de 2019 até ao dia 31 de dezembro do mesmo ano. Está dividido em cinco capítulos: o primeiro é sobre a instituição; o segundo explora uma das principais funções do estágio, a reedição do romance *Os Xailes Negros* no âmbito da comemoração do centenário de nascimento do seu autor, José de Almeida Pavão; o terceiro foca-se na exposição organizada em homenagem ao escritor do romance mencionado; o quarto analisa a importância de plataformas *online* como o *blog* na criação de hábitos de leitura; o quinto apresenta considerações finais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estágio curricular; Edição de Texto; Biblioteca; Reedição.

## **Abstract**

This report is the result of an internship held at Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada from the period of October 1<sup>st</sup> 2019 to December 31<sup>st</sup> of that same year for the completion of a Master's degree in Editing. This report consists of 5 chapters: the first chapter is about the institution; the second one explores one of the main tasks of the internship, the re-edition of José de Almeida Pavão's novel *Os Xailes Negros*, as part of the celebration of the centenary of the author's date of birth; the third focuses on the exhibition organized in honor of the aforementioned author; the fourth analyzes the importance of online platforms such as the blog in encouraging reading habits; the fifth presents final considerations.

**KEYWORDS:** Curricular internship; Editing; Library; Re-edition.

## Índice

Introdução .....	1
Apresentação da instituição.....	2
<i>Os Xailes Negros</i> - transcrição e revisão.....	6
Exposição <i>O Mestre e a Escrita</i> .....	13
<i>Blog: Um oceano de livros</i> .....	15
Considerações finais.....	19
Conclusão .....	25
Referências Bibliográficas .....	26
Anexos.....	27

## Introdução

Os objetivos deste relatório são expor e descrever o trabalho feito desde o dia 1 de outubro até ao dia 31 de dezembro do ano passado na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. As funções foram desempenhadas no âmbito da componente não letiva do mestrado em Edição de Texto e o relatório serve, portanto, para a obtenção do grau de Mestre pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O orientador científico deste estágio foi o professor Rui Zink, enquanto Isabel Matos foi a orientadora no local.

O relatório está dividido em cinco capítulos. O primeiro é uma apresentação do local de estágio, incluindo a história da instituição, os pisos e as suas respetivas divisões (abrangendo as diversas funções lá realizadas) e a missão desta entidade como biblioteca pública.

O segundo capítulo é sobre uma das principais tarefas concretizadas no estágio, ou seja, a reedição do romance *Os Xailes Negros*, de José de Almeida Pavão, uma figura icónica de São Miguel cujo centenário de nascimento foi celebrado em dezembro do ano passado. Aborda-se a transcrição e a revisão do romance. Há referências ao modo como estas tarefas foram desempenhadas e aos materiais utilizados, não faltando menções a conversas sobre o livro entre mim e a orientadora.

No terceiro capítulo, destaca-se a preparação da exposição em homenagem ao autor micaelense. É um breve capítulo sobre a seleção dos documentos e dos objetos tidos como essenciais para a exposição, as discussões sobre a organização da exposição e a preparação de painéis informativos e das referências bibliográficas.

Já no quarto capítulo, a atenção recai na problemática das plataformas *online*, sendo principalmente sobre o *blog*. Fala-se, sobretudo, da razão da criação de um *blog* para a biblioteca, das publicações que foram feitas ao longo dos meses do estágio e de como este espaço *online* pode ser um aliado da literatura.

Por fim, no quinto capítulo, transmito alguns pensamentos que tive ao longo do estágio sobre o mesmo e também sobre o mestrado.

## **Apresentação da instituição**

A Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (BPARPD) foi criada em 1834, no mesmo ano em que ocorreu a extinção das ordens religiosas, cujos livros foram enviados para Lisboa. Tendo em conta a situação, João Andrade Ferreira de Moura, o então Prefeito da Província Oriental dos Açores, sugeriu a criação de uma biblioteca.

No ano seguinte, organizaram uma comissão que teria como objetivo começar a instalação da biblioteca. Contudo, durante anos, o assunto não foi resolvido. Foi só em 1838 que discutiram sobre o local (numa parte das proximidades do Convento da Graça) onde iria funcionar a instituição e que livros ela iria ter.

A Biblioteca Pública de Ponta Delgada só foi oficialmente criada em 1841. Depois de alguns restauros, a biblioteca recebeu os livros dos antigos conventos, os livros doados por Jacinto Inácio da Silveira (1.º Barão da Fonte Bela) e mais de 5000 livros que, a pedido do Ministro do Reino e dos deputados da ilha, vieram do Depósito Geral do Reino.

Em 1931, criaram um Arquivo Distrital, levando à mudança do nome do estabelecimento: Biblioteca Pública e Arquivo Distrital. Passou a receber fundos paroquiais, notariais e judiciais, bem como documentos dos conventos extintos, de empresas, de arquivos pessoais e familiares, entre outros.

Em 1976, com a criação da Região Autónoma dos Açores, a tutela da Biblioteca passou para a atual Secretaria Regional da Educação e Cultura através da Direção Regional da Cultura.

Anos depois, em 1985, criaram a Sala Infantojuvenil, onde as crianças e os jovens poderiam entrar em contacto com os livros, de modo a criar hábitos de leitura desde tenra idade. Contudo, começou a funcionar apenas a partir de 1992.

A biblioteca alberga, atualmente, os Fundos Particulares, que contêm coleções de figuras regionais importantes, como Teófilo Braga, José do Canto, Antero de Quental, José Bensaúde, entre outros. Também tem o Fundo Geral, que é constantemente atualizado consoante as aquisições da própria instituição e as ofertas de outras pessoas e entidades. É constituído por um conjunto abrangente de monografias e

publicações periódicas, regionais, nacionais e estrangeiras. Privilegiam bibliografia e documentos relacionados com o Arquipélago dos Açores. Os documentos e livros de livre acesso estão disponíveis nas salas de leitura que constituem a biblioteca. O restante acervo está guardado em depósitos e, em comparação ao fundo de livre acesso, segue critérios de acondicionamento diferentes e o seu acesso deve ser feito através de pedidos.

Relativamente ao Arquivo, este é composto por fundos da Administração Central Delegada, da Administração Local, fundos judiciais, fundos notariais, de Pessoas Coletivas de Utilidade Pública Administrativa, de Associações, Arquivos de Família, de Empresas, Coleções e fundos paroquiais.

Devido aos danos e à falta de espaço, a biblioteca foi transferida para um novo edifício, o Colégio dos Jesuítas. Após renovações e adaptações, o novo local foi inaugurado a 21 de setembro de 2001. Deste modo, hoje em dia, a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada situa-se no Largo do Colégio s/n, em Ponta Delgada, São Miguel, Açores.

Ao longo dos anos, a BPARPD teve vários diretores, como José de Almeida Pavão, cujo centenário de nascimento levou ao relançamento do seu livro mais emblemático, *Os Xailes Negros*, e Madalena San-Bento, escritora, professora e conferencista micaelense, é a diretora atual da instituição.

Quanto ao edifício, no primeiro dia do estágio, tive a oportunidade de usufruir de uma visita guiada realizada pela minha orientadora, Isabel Matos. Já conhecia espaços como as salas de leitura e até alguns depósitos, mas não conhecia outros, como a antiga sala de jantar, onde, por vezes, realizam eventos, e um espaço para restauração e cuidado de livros e documentos mais antigos.

Ao longo da visita, não entrei em contacto apenas com os espaços. A orientadora também descrevia o que cada funcionário fazia. No piso 0, depois da entrada, temos o auditório. Lá, são organizadas muitas atividades não só planeadas pela biblioteca, como também realizadas por outras entidades. É lá que, muitas vezes, podemos assistir a lançamentos de livros, apresentações de projetos para a ilha ou para a região, ações de formação, conversas com autores, colóquios, palestras, eventos preparados especialmente para as escolas, etc. Nesse mesmo piso, também há um bar, serviços

administrativos, serviços informáticos e uma loja da cultura. Pretendo realçar esta loja, uma vez que é lá que estão a ser vendidos os exemplares do livro que eu transcrevi e revi ao longo do estágio. Também é um lugar que mostra como a biblioteca leva a sério a sua missão em dar relevo aos livros de autores açorianos ou sobre os Açores. Prova, ainda, que:

a produção já não é exclusiva do editor. Autor, gráfico, livreiro ou bibliotecário também podem ser produtores [...], na medida em que, “[...] a partir do computador, qualquer um pode, teoricamente, «editar» o seu livro e difundi-lo na rede ou em doméstico suporte papel. (Martins, 2005: 192)

Alguns dos livros que estão à venda na loja foram também editados graças às iniciativas da própria biblioteca. Portanto, não é de admirar que, para comemorar o centenário de nascimento de um antigo diretor da instituição que muito fez pelo espaço e pelos próprios funcionários, quisessem homenagear esta grande figura ao reeditar, depois de tantos anos, um dos seus livros mais conhecidos. A seguir, temos a sala de multimédia, equipada com computadores, DVD, banda desenhada, bem como mesas para o estudo. Nesta sala, os leitores podem fazer os seus cartões de leitor para poderem requisitar livros.

Não querendo prolongar a apresentação das diferentes salas da biblioteca, mencionarei apenas mais dois espaços: a Sala Infantojuvenil, ou Infantil, e a Sala de Leitura. A Sala Infantojuvenil, que fica no piso 1, é um espaço que contém livros para bebés, crianças e adolescentes. É também um lugar repleto de filmes para o público mais jovem e jogos de tabuleiro e de computador. Nota-se que há uma missão a cumprir dentro desta sala: a de motivar os mais novos a ler e a procurar pelo conhecimento. Regularmente, as suas funcionárias organizam eventos infantojuvenis, como o *Histórias Requinhas*, um evento mensal que pretende fazer com que as crianças e as suas famílias, em conjunto, desenvolvam um interesse pelo livro e pela leitura. Durante o estágio, tive o prazer de assistir a um outro evento organizado por esta sala, a conversa com a autora Margarida Fonseca Santos, que será abordado num capítulo posterior.

A Sala de Leitura, que fica no piso 2, está cheia de estantes de livros de ficção, não-ficção e técnicos. É uma sala muito frequentada, uma vez que não só vão lá procurar por uma próxima leitura ou por livros para trabalhos, como também há muitos estudantes que vão para lá estudar e outras pessoas pedem lá certidões e outros



documentos que estão nos arquivos. Foi nesta sala que a minha orientadora me explicou como são organizadas as estantes de uma biblioteca. A BPARPD segue a CDU, isto é, a Classificação Decimal Universal. É um sistema que proporciona a standardização dos critérios de classificação dos documentos, baseando-se na ideia de que o conhecimento pode ser dividido em 10 classes principais e, por sua vez, em subclasses de acordo com uma hierarquia decimal. As classes principais são: 0- Generalidades. Informação. Organização; 1- Filosofia. Psicologia; 2. Religião. Teologia; 3- Ciências Sociais. Economia. Direito. Política. Assistência Social. Educação; 4- Classe vaga (não é usada); 5- Matemática e Ciências Naturais; 6- Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia; 7- Arte. Belas-Artes, Recreação. Diversões. Desportos; 8- Linguagem. Linguística. Literatura; 9- Geografia. Biografia. História. Através deste sistema, os documentos são classificados conforme o seu assunto principal, o que determina a cota da lombada. São, depois, arrumados na estante que tiver o seu número de CDU.

No geral, a BPARPD disponibiliza para toda a gente serviços como o empréstimo domiciliário de livros, o acesso a novos suportes e a novas tecnologias de informação, o uso de um acervo documental único quanto a livrarias particulares, a disposição de periódicos e monografias, a promoção da literacia, do diálogo, de hábitos de leitura, da cultura e da História, e a organização de eventos para todos, independentemente da idade, do género, da raça e de outros fatores. A BPARPD também tem como objetivo organizar e disponibilizar um repositório focado nos Açores, quer a nível histórico, quer literário, cultural, administrativo, etc. Tem, ainda, outras funções, como a digitalização e a reparação/conservação de documentos. Deste modo, esta biblioteca respeita o Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas, que defende que a biblioteca pública é o espaço que “fornece as condições básicas para a aprendizagem ao longo da vida, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural do indivíduo e dos grupos sociais.”<sup>1</sup>

Concluindo, a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada é um local histórico que sempre valorizou o saber e o livro como objeto que fomenta a imaginação e o conhecimento. Dá a conhecer o mundo, a cultura e a História, enfatizando, principalmente, as Ilhas de Bruma.

---

<sup>1</sup> Este manifesto, ratificado pela UNESCO em 1994, foi redigido em conjunto com a Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas (IFLA).

## *Os Xailes Negros* - transcrição e revisão

Este capítulo destaca as funções principais executadas ao longo dos três meses de estágio. Quando entrei em contacto com a diretora do estabelecimento para saber se seria possível estagiar na biblioteca, apresentaram-me imediatamente um projeto importante e interessante: a celebração do centenário de nascimento de um antigo diretor da casa, José de Almeida Pavão. Estavam a planear a reedição de um dos seus livros mais célebres, *Os Xailes Negros*.

José de Almeida Pavão nasceu a 6 de dezembro de 1919, em Ponta Delgada. Foi professor, ensaísta e ficcionista. Desempenhou vários cargos, como o de reitor do Liceu Antero de Quental e diretor da BPARPD. Nos tempos como professor catedrático da Universidade dos Açores, participou em vários colóquios, conferências, congressos e seminários em Portugal, no Brasil, no Canadá e nos Estados Unidos da América. Publicou recensões, ensaios e artigos em grandes revistas literárias, falando principalmente sobre a literatura açoriana e os nomes ilustres da literatura nacional, passando, ainda, por temas como o teatro e a educação. Também publicou romances, como *Os Xailes Negros* (1973) e *Marianinha* (1997). Faleceu a 20 de setembro de 2003, em Ponta Delgada, aos 83 anos. Atualmente, é considerado uma figura emblemática da cultura açoriana.<sup>2</sup>

Tendo em conta o seu valor como pessoa, escritor e professor, a biblioteca avançou com a ideia de reeditar e, por sua vez, relançar *Os Xailes Negros*. Este processo passou por várias etapas, como a do caderno de encargos, um dos primeiros documentos que li e revi no estágio. O caderno de encargos é, basicamente, um documento que apresenta as condições de um contrato. Neste caso, o caderno de encargos era um contrato de aquisição de serviços que foi enviado para potenciais editoras que poderiam tratar da parte gráfica do projeto. Não podendo revelar muito, posso dizer que o documento continha cláusulas relacionadas com o objeto (o romance a ser reeditado), esclarecimento de dúvidas, obrigações quanto à prestação do serviço de uma nova publicação, as características do livro, a preparação e o planeamento da execução, o plano de trabalhos, o plano de pagamento, o prazo de execução, sanções relativas a uma violação dos prazos contratuais, as obrigações da entidade adjudicante, a avaliação dos

---

<sup>2</sup> A informação neste parágrafo sobre a biografia do autor foi retirada da contracapa da reedição d'*Os Xailes Negros*. (ver anexo III)

trabalhos, entre outras cláusulas. Depois de ler este documento, procedi à sua revisão. Corrigi a pontuação e alterei as palavras que não seguiam o Acordo Ortográfico, que deve ser obrigatoriamente usado em documentos de entidades governamentais. Depois disso, o contrato foi enviado para editoras regionais, que, depois, teriam de apresentar o seu orçamento e a forma como iriam abordar o projeto segundo o caderno de encargos.

Enquanto esperávamos por respostas, comecei a transcrição e a revisão *d’Os Xailes Negros*. Antes de eu começar o estágio, a *designer* da biblioteca já tinha passado para o computador 20 páginas de um exemplar da primeira edição, que foi publicada em 1973. Por isso, tive de rever essas mesmas páginas, comparando-as com o que estava no livro. Corrigi a pontuação, pois, por exemplo, faltavam vírgulas que existiam na primeira edição. Também vi que faltavam letras e, assim, acrescentei as letras em falta. Depois disso, continuei a transcrição, isto é, passar o texto de um exemplar da primeira edição para um documento *Word*, como se tivesse passado à máquina. A primeira edição conta com exemplares de 215 páginas, o que não parece ser muito, mas, ainda assim, foi uma transcrição um pouco morosa. Ao longo da mesma, parava sempre que terminava de transcrever um grande número de páginas, já que queria comparar o que tinha feito ao que estava no livro. Corrigia alguns detalhes e, a seguir, continuava com a transcrição. Segui estes passos até à última página. Poderia ter feito apenas a transcrição primeiro, mas, desta forma, pude adaptar-me às novas funções que teria de desempenhar ao longo do estágio, até porque nunca tinha feito transcrições e revisões num contexto profissional.

Para não me perder no meio de tantas correções, decidi usar um sistema colorido conforme os objetivos da revisão. Estabeleci os seguintes critérios: usava o vermelho sempre que achava que, por exemplo, uma vírgula deveria ser retirada. O azul era usado quando acreditava que era necessário acrescentar uma vírgula. O laranja era para situações que me deixavam confusa, ou seja, quando não sabia se deveria acrescentar ou retirar pontuação. Por fim, o verde era utilizado quando encontrava palavras que nunca tinha visto e, portanto, cujo significado eu desconhecia. Realçava essas palavras, pois queria saber se elas estavam mesmo bem escritas. Depois de verificar que elas, de facto, existiam e não continham erros, retirava a cor (ver anexo I).

Isto quer dizer que, na verdade, “mexi” no texto. Na realidade, apenas tentei simplificar a sua pontuação. Por vezes, recorria à *Nova Gramática do Português*

*Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, para confirmar se eu estava a cumprir com as regras de pontuação de forma correta, até porque, por vezes, eu ficava confusa e insegura quanto às minhas decisões perante a pontuação que encontrava no livro. Estas ações foram discutidas com a orientadora, que me disse que poderia fazer essas alterações. De resto, outras alterações mais significativas foram as correções de palavras que estavam escritas de acordo com a oralidade. Quando reparava em palavras escritas conforme a oralidade, mas eram palavras pertencentes aos momentos de diálogos, não as alterava, pois mostravam como o povo micalense, na sua maioria, fala. Contudo, dava para ver que, na narração, o discurso era correto e não pretendia mostrar essa característica do povo micalense. Assim, expressões como “o futuro o diria” (deveria ser: o futuro di-lo-ia) permanecem desta forma no livro por fazerem parte do vocabulário e da maneira de falar das personagens que representam o povo de São Miguel.

Foi no primeiro dia da transcrição que sugeri a existência de um prefácio especial, tendo em conta que era uma reedição comemorativa. A orientadora tomou nota da minha sugestão. Mais tarde, sugeri pessoas que poderiam escrever o prefácio. Indiquei, por exemplo, amigos, colegas e/ou escritores conhecidos do autor ou pessoas que já tivessem estudado a sua obra. A diretora regional da Cultura, Susana Goulart Costa, foi quem escreveu o prefácio.

A meio da fase da transcrição, pediram-me para elaborar uma biografia sobre o autor para ser enviada às editoras que tinham recebido o caderno de encargos. Deram-me livros e um currículo editado na Universidade dos Açores. A partir daí, criei a biografia que não só foi enviada para os potenciais parceiros da impressão da obra, como também faz parte da contracapa da nova reedição do livro.

Depois de concluir a transcrição, fiz uma revisão comparativa, isto é, eu lia a transcrição e, ao mesmo tempo, comparava-a com o exemplar da primeira edição. Queria ver se tinha cometido erros ou se havia ausências. Depois dessa revisão, fiz uma outra relativamente à pontuação da transcrição. Finalizada a revisão, enviei o documento da transcrição para a *designer*, que era quem tinha o programa necessário para a edição da obra, o *InDesign*. Aprender a trabalhar com este programa foi um dos objetivos de uma das cadeiras do mestrado, Informática para a Edição. Eu própria poderia ter feito a transcrição nesse mesmo programa, pois eu tinha os conhecimentos

essenciais para desempenhar essas funções. Contudo, o computador que me foi atribuído na instituição não tinha os requisitos necessários para a instalação do programa. Assim, tive de enviar a transcrição em ficheiro *Word* para a *designer*, cujo computador era praticamente o único da biblioteca que poderia ter o *InDesign*.

Enquanto a *designer* passava a transcrição do documento *Word* para o *InDesign*, eu desempenhava outras tarefas, como a elaboração de artigos para o *blog* (assunto que será desenvolvido num capítulo posterior), a preparação e revisão de textos e referências bibliográficas para a exposição dedicada ao autor açoriano (tema que será tratado no próximo capítulo) e a seleção de livros e objetos para a exposição. Também acompanhei a orientadora numa conversa entre ela e a Direção Regional da Cultura, a entidade que financiou e apoiou todo o projeto da reedição. A conversa era sobre o caderno de encargos e visava a atenção a detalhes, como a transparência do próprio contrato. Tendo em conta que o caderno estava relacionado com um concurso baseado em dinheiros públicos, era fundamental haver sinceridade no contrato enviado às editoras. A orientadora explicou-me, ainda, que, como o orçamento não ultrapassava um determinado valor (que não posso revelar), o contrato poderia ser enviado para editoras selecionadas pela própria biblioteca. Sendo assim, a orientadora e a diretora da biblioteca usaram como critério principal o carácter regional da empresa, enviando convites, por exemplo, à Letras Lavadas (São Miguel), à Companhia das Ilhas (Pico), etc. Como tinham de garantir que a situação era legal, a orientadora, por vezes, entrava em contacto com um advogado para verificar se tudo estava em ordem.

Entretanto, quando recebi um documento em PDF após a transferência da transcrição para o programa correto, fiz revisões novamente, pois poderia ter havido falhas durante a transferência. Além disso, queria também verificar a pontuação e ver, novamente, se a transcrição correspondia ao exemplar da primeira edição.

Após ter começado esta nova revisão, numa conversa com a orientadora do local, decidi sugerir a mudança da capa. A capa era muito conhecida e foi feita por um artista micaelense afamado, Tomaz Vieira. No entanto, como estávamos perante uma reedição comemorativa que, eventualmente, poderia despertar a curiosidade de um novo público (inclusive um público mais jovem), achei que a capa original não era ideal em termos comerciais. Apesar de ter os elementos-chave representativos do romance (como as personagens principais, as vestes negras e a Lagoa das Sete Cidades, um dos grandes

palcos da ação do livro, como cenário), a capa era pouco apelativa. Era uma capa branca, preta e com alguns pormenores vermelhos (ver anexo II). Não transmitia o quão sentimental a história é. As ilustrações das personagens na capa também passavam uma ideia errada quanto às mesmas. Antes de ter começado a transcrição, por causa da capa, pensava que o livro era sobre um casal adulto na casa dos 30 ou 40 anos. Mas, ao começar a ler, vi que era sobre dois jovens com 20 e poucos anos. Portanto, é uma história que também pode ser do interesse de um público jovem, mas a capa não dava a entender isso. Também estamos a falar de tempos diferentes. Atualmente, na minha opinião, os leitores, de facto, julgam o livro pela capa. Se a capa não consegue transmitir a mensagem correta sobre o livro, ele poderá não ser comprado/lido. Capas simplistas podem ainda funcionar hoje em dia, mas não uma capa como a que *Os Xailes Negros* sempre teve. É um romance que merece uma capa atrativa e que deixe o leitor curioso ao ponto de querer folhear o livro e, depois, lê-lo até ao fim. Ao expor a minha opinião, e embora a orientadora já tivesse discutido sobre a estética do livro com editores e outras pessoas do meio literário micaelense, ela aceitou a minha proposta.

Tempos depois, recebi a imagem da nova capa do livro (ver anexo III), que foi feita pela *designer* da biblioteca, Anabela Cabral. Na realidade, foram feitas duas capas, mas a diretora da biblioteca foi quem tomou a decisão final. Acabei por ver ambas e, realmente, a diretora escolheu a melhor. A nova capa tem um carácter mais sóbrio e escuro do que a capa original, mas também apresenta uma aura misteriosa e sombria, o que corresponde à história em si, que não é apenas sobre uma relação amorosa. É também uma história repleta de segredos e mexericos. Há morte, doenças, memórias relacionadas com a guerra da qual Manuel, uma das personagens principais, fez parte. Mostra muito bem a essência do romance, bem como o elemento mais simbólico do livro: um xaile negro a esvoaçar. O xaile negro representa o lado mais obscuro do povo de um sítio pequeno, como a ilha de São Miguel. Neste lugar, é muito fácil haver burburinhos e julgamentos sem provas, não havendo piedade pelos alvos em causa. Penso que o facto de o xaile estar a “voar” representa, de certa forma, a decisão final de Manuel quanto à sua vida com Ermelinda, a personagem principal feminina. No fim, Manuel decide que, após todos os problemas que enfrentaram juntos devido às injúrias dos outros, deveriam emigrar para o Canadá. É como se ele estivesse a desprender-se dos xailes negros. Penso que a capa pode ter esse simbolismo.

Depois de analisar bem a capa, sugeri umas pequenas mudanças. Na parte superior, estava o nome do autor, enquanto o título estava na parte inferior. Achei que ficaria melhor se seguisse a ordem invertida, na medida em que o romance, de certa forma, é mais conhecido do que o autor. No entanto, não realizaram modificações nesse sentido.

Após a primeira revisão do documento em PDF, fiz uma segunda revisão, uma vez que, na primeira, detetei que eram ainda necessárias algumas alterações quanto à pontuação e ao próprio grafismo do documento. Por exemplo, a *designer* falhou a transferência de alguns parágrafos e outros excertos não eram parágrafos no PDF, mas eram-no na primeira edição. Também nesta revisão notei que, relativamente à página que continha os títulos de vários ensaios do professor Pavão, deveria haver mudanças. Era uma lista um pouco grande. Além disso, só lá estavam títulos de ensaios publicados em revistas, separatas de revistas e ensaios publicados como livros, etc. Não mencionava obras de ficção. Partilhei esta opinião com a orientadora, que aceitou alterar a lista. A reedição agora inclui títulos de alguns ensaios que se encontram em livros que não são do autor, ensaios que ele próprio publicou como livros (selecionei os que abordavam temas relacionados com o romance) e dos romances do autor. Também notei que deveria haver uma nota sobre como a reedição não segue o Acordo Ortográfico, que está presente na ficha técnica (ver anexo IV).

Terminada a segunda revisão, fiz uma outra revisão, mas apenas quanto às alterações feitas na penúltima revisão em termos da pontuação. Foi nesta altura que ficou decidido que não iria haver um resumo do livro na contracapa, mas sim uma biografia do autor. O texto que está na contracapa é praticamente o mesmo que foi enviado para as editoras (ver anexo III). Houve, depois desta revisão, uma última revisão geral para verificar se estava tudo em ordem e para ver se a *designer* tinha corrigido tudo segundo as minhas indicações. Depois de ela me enviar o PDF com as correções exigidas, apenas revi a pontuação que estava assinalada. Não fiz uma revisão geral. Como se pode ver, fiz muitas revisões, o que serviu para entender que o trabalho de editor, revisor e outros papéis desta área não é para qualquer pessoa e não basta ela conseguir dominar muito bem a língua, até porque “as an ordinary reader you train yourself to disregard spelling mistakes and to concentrate on the author’s meaning [...]. To become a proofreader you need to unlearn these habits” (Butcher, Drake & Leach, 2007: 99).

O documento em PDF, feito a partir do *InDesign*, foi, finalmente, enviado para a editora selecionada, Letras Lavadas, no dia 20 de novembro. Foi também nesse dia que pudemos ler o prefácio escrito por Susana Goulart Costa, da Direção Regional da Cultura (ver anexo V). Reparei que o título do romance, sempre que era mencionado, aparecia entre aspas, o que não deveria acontecer. Sempre que se escreve títulos de romances no computador, eles devem estar em itálico. Quando expliquei isso à minha orientadora depois de ter feito a minha própria revisão do prefácio, ela disse-me que o texto ficaria tal como a diretora regional o escreveu.

Dias antes da celebração do centenário do nascimento do autor, recebemos os exemplares impressos pela gráfica da Letras Lavadas, Nova Gráfica Lda.. Tudo pareceu estar em ordem e fui informada do preço de cada cópia (10€). No dia da celebração do centenário, venderam um número significativo de exemplares. Alguns foram dados a todos os funcionários da biblioteca. Os restantes encontram-se na Loja da Cultura da biblioteca e na livraria da Letras Lavadas.

No geral, foi uma experiência morosa, mas gratificante. Devo ter feito, no total, 8 revisões d'*Os Xailes Negros*. Graças a estas revisões, percebi que, se alguém desejar fazer parte do mundo editorial, deve ter muita paciência e força de vontade.



## Exposição *O Mestre e a Escrita*

No primeiro dia do estágio, para além de ter revisto o caderno de encargos e de ter começado a transcrição do romance, também tive a oportunidade de selecionar documentos para a exposição sobre a vida de José de Almeida Pavão. Os documentos, que estavam devidamente guardados em envelopes, consistiam em cartas de e para o autor, cartões de visita, postais e apontamentos para colóquios (ver anexo VI). São documentos que provam o quão internacional era o professor Pavão, o que era inconcebível para mim, pois nunca acreditaria que um professor e escritor micaelense pudesse ter tantas amizades no Brasil, nos EUA e, até, na Coreia do Sul. Além disso, devido à sua luta pela importância da educação, o autor também recebia, por exemplo, cartões de Mário Soares e de outras figuras políticas portuguesas.

Depois da seleção de postais e cartões que pudessem ser relevantes para a comemoração do centenário, tive umas semanas sem estar envolvida na organização da exposição. Aliás, enquanto eu estava a transcrever e a rever o livro, outros funcionários andavam à procura de livros e outros objetos que poderiam ser expostos.

Entretanto, redigiram textos que seriam colocados em painéis. Nessa altura, ainda não tínhamos discutido em conjunto como iríamos organizar a exposição quanto às diferentes temáticas, mas a orientadora já tinha algumas ideias, tendo escrito pequenos textos sobre a vida do autor, que foram revistos por mim. Foi no final do primeiro mês de estágio que começámos a discutir, em conjunto com uma funcionária que tinha reunido os vários livros do autor, como deveríamos organizar a exposição e que título ela deveria ter. Houve várias propostas, como “Escritor e Professor”, “A Escrita e o Ensino”, entre outras. Segundo a orientadora, era fundamental que a exposição conseguisse fazer com que o visitante visse José de Almeida Pavão como alguém que, ao longo de toda a sua vida, sempre destacou duas facetas de si mesmo: o ensino e a escrita. Por isso, *O Mestre e a Escrita* foi o título selecionado. Na minha opinião, deveria ter sido “O Mestre e o Escritor”, uma vez que seria uma forma de manter a ideia das facetas, ou seja, essas duas palavras são como rótulos. Contudo, optou-se pelo título mencionado anteriormente.

Com o título já estabelecido, pudemos organizar melhor a exposição conforme os painéis que seriam colocados em cada divisão temática. O primeiro painel seria sobre

a vida do autor (ver anexo VII). O texto do painel é praticamente uma pequena biografia do autor. O segundo painel destaca o seu papel enquanto professor no Liceu Antero de Quental e na Universidade dos Açores (ver anexo VIII). Por fim, o terceiro painel é sobre a sua ficção (ver anexo IX). Os dois últimos painéis contêm imagens de capas de livros do autor digitalizadas.

Quanto aos objetos a serem expostos, iríamos selecionar aqueles que refletissem os vários passos da sua vida como professor e escritor. Foi pedido à filha do autor a máquina de escrever e o traje universitário (ver anexos X e XI). A restante exposição consistia em livros publicados pelo autor, revistas e livros que continham artigos seus e livros da sua biblioteca pessoal com assinaturas de escritores como Natália Correia e outros.

Antes de passarmos para a fase da seleção de objetos, vários funcionários elaboraram, primeiro, tabelas com elementos bibliográficos de praticamente todos os livros de e sobre o micalense (ver anexo XII). Depois de algumas explicações sobre como deveria escrever os dados bibliográficos, ajudei um pouco nesse aspeto, principalmente na revisão dos mesmos. Não tinha propriamente de ver se estava tudo bem escrito. Na realidade, tinha de ver se os dados, que estavam organizados em tabelas num documento *Word*, seguiam o modelo existente para a vertente bibliográfica de uma exposição. Isto significa que era necessário estar atenta, por exemplo, ao tamanho da letra, ao tipo de letra, às cotas presentes nos catálogos da biblioteca, etc. Eventualmente, também ajudei a fazer algumas. A preparação das tabelas bibliográficas demorou algum tempo, pois, por vezes, acabávamos por excluir alguns livros e incluir outros. Fizemos tabelas, pelo menos, até à véspera da comemoração do centenário.

Uns dias antes da celebração, realizámos o ensaio da exposição. Consistiu na colocação dos livros nas mesas disponíveis para a ocasião. Era importante vermos se todos os livros e revistas cabiam ou se era necessário retirar um ou acrescentar mais algum objeto. Foi, ainda, uma forma de vermos como poderíamos colocar os livros e revistas a nível estético, ou seja, se dava para alinhar tudo, bem como as tabelas das referências bibliográficas, que foram recortadas para que cada pedaço estivesse ao lado do livro que apresentavam. A exposição foi preparada oficialmente na véspera da sua inauguração.

## *Blog: Um oceano de livros*

A biblioteca é um espaço público dedicado à promoção do livro e ao fomento da criação de hábitos de leitura, tendo, também, outros objetivos. Como vivemos na era da *Internet* e das redes sociais, penso que é fulcral que as bibliotecas se adaptem às tecnologias para poderem usá-las como uma tática para concretizarem esses planos.

Há muitas bibliotecas que já usam as redes sociais para atrair, principalmente, os leitores mais jovens. A página de *Facebook* das Bibliotecas Municipais de Lisboa (<https://www.facebook.com/BibliotecasdeLisboa/>), na minha opinião, é um bom exemplo de como estas instituições devem utilizar as redes sociais. Nesta página, divulgam constantemente as atividades planeadas em cada biblioteca municipal, publicando informações sobre lançamentos de livros, palestras e eventos próprios de um dia específico (como o Dia da Poesia). Também há bibliotecas escolares que usam o *Facebook*, como a da minha antiga escola, a Biblioteca Escolar Domingos Rebelo (<https://www.facebook.com/bibliotecaescolaresdr/>). Nesta página, vemos, principalmente, recomendações literárias (quer dos responsáveis pela biblioteca, quer dos alunos). É uma forma de mostrar aos estudantes o espaço e os livros disponíveis.

Tendo em conta estes exemplos, bem como a minha própria experiência como *blogger* literária, antes de começar o estágio, decidi que queria fazer algo semelhante para a BPARPD. A Biblioteca Pública já tem uma página de *Facebook* (<https://www.facebook.com/BPARPDL/>) e um *site* (<https://bparpd.azores.gov.pt/>). Contudo, penso que são muito pouco usados. O *site* é de fácil utilização para o visitante e tem as informações necessárias sobre o local e as suas atividades, mas não é interativo como um *blog* ou uma conta numa rede social.

Na primeira semana do estágio, falei com a orientadora sobre como tinha planeado a criação de um *blog* para a biblioteca. No início, havia alguma relutância, na medida em que, como seria algo ligado à imagem da biblioteca, talvez fosse melhor comunicar o plano a entidades superiores. Aliás, houve problemas na criação da página de *Facebook* precisamente nesse sentido. Contudo, expliquei que o *blog* apenas iria apresentar artigos literários, abrangendo, por exemplo, eventos, prémios, sugestões de leitura, etc. A orientadora acabou por perceber que seria bom ter um *blog* e até indicou que a literatura açoriana poderia ser o tema principal.

Tive, deste modo, autorização para criar o *blog*. Antes de falar sobre criação do blogue, pretendo, primeiro, explicar os termos *blog* e *website*.

A palavra *blog* “deriva da combinação de duas palavras «*web*» e «*log*», em que a primeira significa «rede» e a segunda significa «diário de bordo, assentar, registar» [...]” (Afonso & Alvarez, 2017: 17). No fundo, o *blog* é uma plataforma *online* que funciona como um diário, mas é público e não tem a ver apenas com assuntos pessoais. Na realidade, há imensos blogues sobre gastronomia, moda, séries televisivas, filmes e, claro, livros. No mundo dos blogues, reina a linguagem informal, já que é importante ter um grande número de pessoas a ler o *blog*. Já o *website* “muitas vezes é uma apresentação institucional de uma empresa ou de uma marca, apresentando-se mais formal e menos próximo, enquanto um *blog* é «um amigo» especialista num determinado assunto [...]” (Afonso & Alvarez, 2017: 18). Acrescento que criar e manter um *website* é uma tarefa muito mais complexa em comparação com o *blog*, na medida em que o *website* exige mais conhecimentos informáticos e pode não ter tantos elementos gratuitos disponíveis.

Deste modo, era óbvio que o melhor seria criar um *blog*. Com uma conta *Gmail* da própria biblioteca, criei um *blog* na plataforma *Blogger*, “uma empresa que disponibilizava (e disponibiliza até hoje) ferramentas gratuitas para a construção e publicação de blogues, permitindo a qualquer pessoa com acesso a um computador com internet criar e publicar blogues de forma fácil, rápida e eficaz [...]” (Faria, 2016: 21). É uma plataforma de fácil manuseamento e com muitas vantagens, como os visuais simples e cativantes, por exemplo. A seguir, tive de inventar um título que não só estivesse relacionado com a biblioteca, mas também com o tema principal do *blog*, isto é, a literatura açoriana. Depois de algumas tentativas para ver se os títulos já existiam ou não na plataforma, escolhi o seguinte título: *Um oceano de livros* (<https://umoceanodelivros.blogspot.com/>).

Depois de estabelecer o nome do *blog*, dediquei-me à estética do mesmo. Como me disseram que eu poderia usar fotografias que a própria biblioteca tinha do edifício, escolhi como imagem de fundo da parte do título uma fotografia de uma estátua do jardim da biblioteca. É uma estátua de uma pessoa a ler um livro, portanto, pensei que seria uma ótima escolha para um *blog* literário. De seguida, a partir dos fundos disponíveis no *Blogger*, escolhi um fundo esverdeado muito simples, uma vez que o

*blog* deve ser chamativo, mas também é importante que tenha um aspeto simples. Atualmente, e como nunca mais utilizei o *blog* por já ter terminado o estágio, ele tem um aspeto natalício devido à passada quadra festiva (ver anexo XIII).

Quando acabei de preparar o *blog*, escrevi uma publicação introdutória, explicando quem tinha criado o *blog*, para quê e em que contexto. Depois disso, para ter ideias quanto ao conteúdo, estive sempre atenta às novidades do mundo literário (regional, nacional e internacional) para poder falar sobre esses assuntos nessa plataforma. Escrevi sobre prémios literários, como o Prémio Literário José Saramago, o Booker Prize, o Nobel da Literatura, o Prémio Literário Fernando Namora, entre outros. Também publiquei listas de leituras de acordo com um tema específico, como leituras para miúdos e graúdos sobre o *Halloween* e o Natal, por exemplo. Escrevi, ainda, artigos relacionados com os Açores. Para publicitar a comemoração do centenário do nascimento de José de Almeida Pavão, fiz publicações sobre o evento e outros livros do autor. Participei em eventos dentro e fora da biblioteca, tendo sido possível ter mais variedade temática no *blog*. Também escrevi breves biografias sobre alguns autores, como Sophia de Mello Breyner Andresen e Clarice Lispector. Assim, tentei ao máximo transmitir vários aspetos da literatura.

Uma das minhas publicações favoritas é a que destaca a presença da escritora Margarida Fonseca Santos na BPARPD (ver anexo XIV). Esta autora escreve principalmente livros para o público infantojuvenil e, por isso, quem preparou os eventos dela foram as funcionárias da Sala Infantil da biblioteca. Esta sala tem o intuito de criar hábitos de leitura entre crianças e jovens e as sessões da autora foram exemplares nesse aspeto. Além disso, também era um dos objetivos do *blog*, isto é, dar a conhecer livros e mostrar que a leitura é algo importante e que merece ser mais valorizada. Nas duas sessões planeadas, Margarida Fonseca Santos contou um pouco sobre a sua vida pessoal e respondeu a muitas perguntas dos alunos do primeiro ao terceiro ciclos presentes. Muitos tinham questões preparadas, notando-se que leram alguns livros e exploraram temas dos mesmos de propósito para os eventos, que, portanto, foram enriquecedores nos momentos sobre os livros da escritora. Na publicação dedicada a esta autora, quis focar-me principalmente nas perguntas e respostas sobre os livros, nas opiniões da escritora quanto aos hábitos de leitura entre os mais novos e no processo criativo dela. Pensei que seriam assuntos aliciantes e enriquecedores para o público do *blog*, isto é, pessoas que gostam de ler. Assim,

mencionei alguns livros da Margarida Fonseca Santos, como a sua nova coleção, intitulada *A Escolha é Minha*, que aborda temas como o *bullying* e o luto. Incluí aspetos do seu processo criativo, como a doença que tem e que dificulta a escrita à mão. Escrevi sobre como a autora dá muita importância à literatura para crianças, pois acha que é difícil escrever para elas. Transmiti a sua opinião sobre como a literatura deve abrir portas aos jovens e não fechá-las, ou seja, eles devem fazer as suas próprias interpretações. Por fim, tive de incluir o momento em que ela referiu que as crianças devem ler o que querem e que não se deve dar a entender a uma criança que a leitura é uma obrigação. Foi por isso que quis usar este evento como um exemplo de publicação do *blog*. Ao criar *Um oceano de livros*, queria transmitir a seguinte mensagem: há livros para toda a gente e toda a gente deveria, pelo menos, tentar ler um.

Em suma, acho que, mais do que nunca, é crucial que lugares como as bibliotecas comecem a usar meios como o *blog* e as redes sociais para divulgar livros e criar um interesse pela leitura e pela literatura. Estas plataformas não são inimigas da instituição se a mesma souber usá-las apenas para fins comunicativos e educativos. Criei o *blog* para mostrar que é possível a biblioteca começar um diálogo com os leitores e difundir ideias positivas sobre a literatura. O próximo passo poderia ser, por exemplo, dar mais atenção à página de *Facebook* e/ou criar uma conta no *Instagram*, onde poderiam mostrar as mais recentes aquisições, as sugestões literárias do momento, os eventos literários programados, etc. A *Internet* não é a inimiga, mas sim a ausência do esforço para manter os hábitos de leitura vivos ou fazê-los nascer. A *Internet* pode contribuir para criar e/ou manter o interesse pela literatura. Que seja mais usada e sem receios.

## Considerações finais

Tendo escrito capítulos com assuntos muito específicos, este último capítulo será focado em questões e situações que surgiram ao longo do estágio, mas que não têm muito a ver com os temas dos capítulos anteriores. Ainda assim, também incluí algumas reflexões sobre, por exemplo, o processo da reedição e a experiência do *blog*.

Um dos primeiros aspetos que me impressionou quando comecei o estágio foi a inexistência de um catálogo *online*. Achava isso muito estranho, pois é algo útil para os leitores que preferem ver as listas de livros no seu conforto. Mas, semanas depois, descobri que, na realidade, estavam a preparar um catálogo *online* novo e que este iria permitir o acesso não apenas aos títulos disponíveis na BPARPD, como também aos títulos de outros lugares com documentos e de bibliotecas regionais, como a Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, o Centro de Documentação do Museu Carlos Machado, etc. Chama-se Catálogo Coletivo de Bibliotecas e foi lançado, em dezembro, pelo Governo dos Açores. Penso que é uma ferramenta muito útil para quem quiser requisitar um livro de uma outra biblioteca sem ser da BPARPD. No entanto, o catálogo demorou muito tempo a estar disponível ao público, o que deve ter sido incomodativo para os leitores.

Ainda nos primeiros dias do estágio, e como foi referido no capítulo sobre o *blog*, foi com alguma surpresa que percebi que há uma aversão à presença da biblioteca nas redes sociais. Sendo esta uma era global, não dá para entender como é que uma instituição responsável e aberta ao público pode estar tão fechada ao mundo. Um dos grandes fenómenos dos últimos anos é o *Bookstagram*, ou seja, contas criadas no *Instagram* que são dedicadas aos livros. Em Portugal, há muitos jovens (incluindo eu) que são *bookstagrammers* e, através de outras contas, até acabam por descobrir novas leituras. Sem dúvida alguma que esta dinâmica pode ser uma vantagem para bibliotecas. Se não confiam muito nas redes sociais, o *blog* que criei veio para mostrar que é possível concretizar muitos outros planos na *Internet* sem recorrer às típicas redes. Lá, publiquei sugestões de leituras, mencionei eventos futuros e os já realizados na biblioteca, falei sobre autores, etc. Com mais tempo e dedicação, poderia ser uma boa aposta da parte da biblioteca para entrar no lado bom da *Internet*.

Ainda sobre o contacto com o público, reparei na falta de iniciativas para os mais velhos, se bem que também não há uma grande variedade na vertente infantojuvenil. Há lançamentos de livros de vez em quando, assim como colóquios e palestras. Muitos deles são regionais e, raramente, recebem convidados nacionais. Quando estes eventos são realizados, há, ainda, o problema da falta de divulgação, estando relacionado com o parágrafo anterior. Divulgam muito pouco os planos e só têm o *site* (que não deve receber muitas visitas) e a página de *Facebook*, onde não há interação nenhuma entre, pelo menos, um funcionário desta entidade e o público. Apenas criam eventos no *Facebook*, partilham esses mesmos eventos uma ou duas vezes nessa rede social e no *site* e não fazem muito mais. Quanto às atividades para crianças, têm as visitas das escolas e as horas dos contos. Não me parece que sejam suficientes. O encontro com a autora Margarida Fonseca Santos foi, na minha opinião, um sucesso. Algumas crianças adoraram as sessões com a autora e ficaram interessadas nos seus livros. A biblioteca deveria apostar mais em eventos com a presença de autores e pessoas do mundo literário. Contudo, entende-se que possa ser complicado. Penso que há vontade em realizar mais eventos literários, mas o orçamento deve ser um grande impedimento. No entanto, será que, apesar disso, não dá para fazer mais? Será que o problema está mesmo apenas no orçamento? Também não temos uma população tão interessada nos livros quanto isso. Mas como poderemos despertar o interesse pela literatura se não há muitas iniciativas para tal? É como um ciclo sem fim.

A questão do orçamento também é evidente noutra situação: na compra de livros para a biblioteca. Não podendo divulgar o valor monetário disponível para a aquisição de livros, posso dizer que, ao saber o valor, pensei que era muito pouco. Não estamos a falar apenas na aquisição de livros de ficção. Também é necessário comprar livros de não-ficção, livros técnicos, etc. Para tentar inovar o catálogo sempre que recebem essa quantia de dinheiro, quem tem a função de ir às livrarias para obter livros novos deve seguir os seguintes critérios: devem dar prioridade aos livros açorianos/sobre os Açores/de autores açorianos; depois, pesquisam os livros que receberam prémios literários; a seguir, verificam as sugestões deixadas pelos leitores. Não sei se, de facto, seguem esta ordem no momento da compra, mas dá para ver que a biblioteca quer investir principalmente nos livros regionais. Não é uma atitude péssima, até porque, num país cada vez mais centralizado, é bom ver que ainda há lugares que apoiam uma literatura mais regional. Todavia, esta e as restantes restrições resultam num catálogo



mais pobre e pouco atualizado. A seguinte proposta é ingênua e deve ser algo que já foi pensado várias vezes, mas deveria haver uma discussão séria sobre como o governo (não só o regional, como também a nível nacional) está a investir no setor da cultura, mais especificamente na literatura.

Relativamente ao estágio propriamente dito, também gostaria de deixar algumas críticas. Por exemplo, nunca tive oportunidade de ver o processo gráfico, o que foi sugerido pela própria orientadora no início. Na realidade, não sei se alguém acabou por ir à gráfica ver se estava tudo a correr bem, tendo em conta que estávamos perante uma iniciativa baseada num caderno de encargos com alíneas sobre a qualidade do produto. Também não pude ver como estabeleceram o ISBN, algo que me foi prometido pela orientadora. Não pude, ainda, fazer parte do atendimento ao público, algo que eu tinha referido à orientadora antes do início do estágio e que tinha sido colocado no plano de estágio depois dessa mesma conversa (pude, contudo, estar presente no atendimento da Sala de Leitura durante uma tarde). Verifiquei, ainda, alguma resistência quanto às minhas capacidades de revisão. Por vezes, mesmo depois de explicar a razão das mudanças que deveriam ser feitas num texto, acabavam por não considerar as minhas sugestões. Isso aconteceu com o Prefácio d'*Os Xailes Negros*, onde o título do romance aparece entre aspas, enquanto, creio, seria mais conveniente estar em itálico, uma vez que é um documento escrito no computador (ver anexo V). Ao explicar algumas vezes que este erro deveria ser corrigido, apenas diziam que a diretora regional da Cultura tinha escrito o prefácio e que iria ficar como estava.

Apesar destas situações, também pude retirar lições positivas a partir desta experiência. Ao fazer parte da reedição de um livro de um autor micalense, pude refletir em como é cada vez mais importante darmos valor ao que é nosso. Muitas vezes, dizemos estas palavras tendo em conta o panorama nacional. Porém, também temos de pensar na literatura com um carácter regionalista, como a literatura açoriana. É verdade que alguns autores açorianos da nossa atualidade têm tido algum sucesso, mas ainda não é o suficiente, pois temos editoras locais com catálogos ricos em autores regionais e escritores da diáspora, mas não recebem a atenção merecida. Portanto, ainda bem que entidades como a BPARPD estão a (tentar) fazer um bom trabalho nesse sentido.

Neste estágio, também tive a oportunidade de colocar em prática o que aprendi no primeiro ano do mestrado em Edição de Texto. No caso das aulas especificamente

sobre o mundo da edição, como as de Teoria da Edição e Técnicas de Edição, com o professor Rui Zink, pude, através da teoria, compreender melhor o mundo editorial em Portugal. Além disso, também tivemos a componente prática, como exercícios de revisão, elaboração de planos de campanhas, exercícios relacionados com a parte do *marketing* da indústria editorial, etc. Estes ensinamentos foram úteis em relação a todo o meu trabalho de transcrição e revisão do romance, tendo também servido para outros aspetos, como a capa do livro. Como leitora, dou algum valor ao aspeto de um livro. Uma capa pode mesmo seduzir um leitor e conseguir ser comprado por ele. Uma capa é, no fundo, um dos aspetos do *marketing* do livro. Nas aulas, vimos a *TED Talk* de Chipp Kid, o homem que criou a capa do *Jurassic Park* a partir de algo tão simples quanto um esqueleto de um dinossauro que viu num livro da loja de recordações de um museu. Lembrando-me destas partes teóricas das aulas e juntando isso à minha perceção como leitora, pude transmitir a minha opinião quanto à capa original d'*Os Xailes Negros*. Embora tenha sido desenhada por uma figura reconhecida na região, sempre que olhava para a capa, pensava que não era uma boa ideia termos a mesma capa na reedição. Não é apelativa para a nossa atualidade. É demasiado monocromática, algo que ainda funciona hoje em dia, mas não naquela capa. Por isso, partilhei a minha opinião sobre como a capa deveria ser mais moderna, mas sem perder a essência do romance. Assim, obtivemos uma capa com um fundo natural e que até faz lembrar as tantas árvores que existem em São Miguel e, sobre esse fundo, temos o simbólico xaile negro. Acabou por ser uma capa mais simples, mais moderna e mais atrativa, transmitindo mesmo, até, o famoso carácter nebuloso das ilhas açorianas.

Ainda sobre a capa, outras cadeiras do mestrado também foram proveitosas nesta experiência, como a de Informática para a Edição, lecionada por João Machado. Nesta cadeira, pudemos conhecer o programa *InDesign*, muito usado nas editoras, nos jornais, nas revistas, etc. Neste programa, podemos mesmo criar livros, jornais e revistas. Um dos trabalhos finais foi fazer um pequeno livro, por exemplo. A partir desse trabalho, teríamos de ver os melhores materiais para o projeto, a estética do mesmo, etc. Portanto, foi útil para as recomendações que fiz quanto à capa. Também poderia ter sido útil na reedição, na medida em que, para reeditar *Os Xailes Negros*, a pessoa que já tinha começado a transcrição antes de eu iniciar o estágio, a *designer* que trabalha na biblioteca, estava a usar esse mesmo programa. Afinal, o livro, depois, seria enviado para uma gráfica que usa os mesmos instrumentos informáticos. Poderia ter

usado o programa ao longo do meu trabalho de transcrição e revisão, mas o computador que usei não tinha as características ideais para a instalação do programa, tal como expliquei num capítulo anterior. Mas, mesmo se eu tivesse tido a oportunidade de trabalhar com o *InDesign*, sentiria alguma insegurança, pois penso que metade de um semestre não é o suficiente para o aluno se habituar a um programa que exige um conhecimento profundo dos instrumentos disponíveis. Como o tempo de aulas dessa cadeira é muito restritivo, as aulas acabam por ser realizadas a um ritmo um pouco acelerado. Muitas vezes, senti-me perdida ou incapaz de acompanhar as indicações do professor e tinha de pedir ajuda a uma colega do lado. Metade de um semestre não é suficiente e não é por as aulas durarem 3 horas que as mesmas são totalmente eficazes. De qualquer forma, também tivemos aulas focadas na parte estética de um jornal ou de uma capa, por exemplo, e isso foi essencial no meu estágio.

Em relação a outras cadeiras, enquanto transcrevia e revia o romance, lembrei-me muitas vezes das aulas de Crítica Textual, com o professor Luiz Fagundes Duarte. Nesta cadeira, praticamente comparávamos edições diferentes de livros. A crítica textual é algo que exige um trabalho minucioso e demorado, uma vez que nada pode escapar. É mesmo necessário verificar todas as edições existentes de um livro para ver as diferenças de edição para edição, por exemplo. Por isso, na minha revisão, pensava em como seria interessante, no futuro, alguém comparar um exemplar da primeira edição d'*Os Xailes Negros* com a reedição de 2019. Foi, portanto, uma cadeira muito interessante e que me fez abrir os olhos quanto ao trabalho dos editores.

As aulas de Poéticas Contemporâneas, com o professor Fernando Cabral Martins, foram interessantes como momentos de aprofundamento da arte contemporânea. Depois de uma licenciatura carregada de cadeiras sobre séculos passados, foi bom ter aulas sobre autores e artistas mais próximos da nossa atualidade.

Uma das cadeiras que menos gostei foi a de História do Livro, com o professor João Luís Lisboa. De facto, falamos da evolução do livro, ou seja, literalmente sobre a sua História, desde o papiro até ao *ebook*. No entanto, sinto que aprendi algumas coisas mencionadas nas aulas não graças à cadeira, mas por iniciativa própria. Por exemplo, como trabalho final, tivemos de falar sobre um livro como objeto físico, ou seja, usar termos técnicos, e acho que este tipo de matéria não foi tão desenvolvido nas aulas quanto isso. Ainda assim, foram conhecimentos que guardei e até falei sobre esses

mesmos termos na preparação da exposição quando vi uma edição antiga *d’Os Lusíadas*.

Concluindo, o estágio, embora com alguns contratempos e situações não muito satisfatórias, foi profícuo. Não fui para uma editora, como eu tinha desejado, mas pude, ainda assim, consolidar o que aprendi no primeiro ano de mestrado. Também pude ver o mundo literário numa outra perspectiva que não foi explorada no mestrado, ou seja, a perspectiva das bibliotecas. Se estudámos imenso sobre como as editoras funcionam, como elas organizam orçamentos, como fazem os trabalhos de edição, etc., aqui, aprendi sobre como, depois de todo esse trabalho das editoras, outros locais devem continuar a investir nos livros, como as livrarias e as bibliotecas. As editoras, digamos assim, fazem os livros e colocam-nos nos mercados e, por sua vez, nas mãos dos leitores. As bibliotecas também colocam os livros nas mãos dos leitores. Aliás, isso deve ser uma das suas grandes missões. É por isso que acredito que as bibliotecas, mais especificamente a BPARPD, devem continuar a apostar na literatura e levá-la a toda a gente. Foi um estágio com altos e baixos que mostrou como precisamos de mais cursos como este mestrado e de mais empenho na luta pela sobrevivência e pelo crescimento da literatura.

## Conclusão

Quando escolhi tirar o mestrado em Edição de Texto, já tinha explorado as opções para o segundo ano. Sempre pensei que iria realizar um estágio, já que ter alguma experiência profissional seria uma mais-valia para mim, alguém que ainda não tinha entrado no mundo do trabalho. Também pensava que iria estagiar numa editora tradicional, o que não aconteceu. Sabia que seria difícil ingressar na indústria editorial, mas as respostas negativas que recebi quanto às propostas de estágio provaram precisamente isso. Foi preciso ver para crer.

No entanto, se nada disso tivesse acontecido, não teria sido possível aprender mais sobre bibliotecas. Ao aceitarem-me na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, pude ver como este lugar, cheio de História e histórias, tem tanto para dar, até mesmo a uma aluna deste mestrado.

Ao longo dos três meses de estágio na BPARPD, fui capaz de utilizar as ferramentas concedidas pelo primeiro ano de estudos e de ir para além delas. Tive a oportunidade de conhecer e reeditar *Os Xailes Negros*, um romance puramente micaelense, pude ajudar na organização de uma exposição, algo que nunca tinha feito, tendo sido uma tarefa muito interessante e que gostei muito de realizar. Pude, ainda, transmitir algo que já conhecia, o mundo do *blog*.

É verdade que, infelizmente, não me foi possível entrar em contacto com o mundo editorial propriamente dito. Tive um pouco disso quando falava sobre a capa, por exemplo. Mas não pude acompanhar o trabalho gráfico do romance e ninguém pôde dialogar comigo sobre as revisões e dar-me conselhos nesse aspeto. Também não houve situações em que pudesse usar outras lições das aulas, como as questões de *marketing*, o uso de certos instrumentos informáticos, etc. Ainda assim, o estágio neste local serviu para ver um dos vários caminhos que um livro pode percorrer depois de sair da editora.

Apesar da falta de situações relacionadas com as que analisámos nas aulas e de alguns momentos desagradáveis, o estágio e o mestrado transmitiram-me lições não só teóricas e técnicas sobre os livros, como também pessoais e sobre o mundo do trabalho. Resta-me continuar a aprender mais e começar um percurso novo com as bagagens destes dois anos.

## Referências Bibliográficas

### Bibliografia consultada

AFONSO, Carolina; Alvarez, Sandra (2017). *Ser Blogger – Como criar, comunicar e rentabilizar um blog*. Barcarena: Marcador Editora.

BUTCHER, Judith; Drake, Caroline; Leach, Maureen (2007). *Butcher's copy-editing: The Cambridge Handbook for Editors, Copy-editors and Proofreaders*. Cambridge: Cambridge University Press;

CHARTIER, Roger (1998). *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp;

FARIA, Sara Beatriz de Sousa Magalhães (2016). *Os Blogues de Literatura Portuguesa no Século XXI: Uma análise a cinco blogues* (tese de mestrado não publicada). Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade dos Açores, Portugal;

GRANNIS, Chandler B. (1967). *What Happens in Book Publishing*. Nova Iorque: Columbia University Press;

MARTINS, Jorge Manuel (2005). *Profissões do livro: editores e gráficos, críticos e livreiros*. Lisboa: Editorial Verbo;

### Webgrafia<sup>3</sup>

<http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra-drcultura-bpaped/>

<https://bpaped.azores.gov.pt/sobre/>

[https://bpaped.azores.gov.pt/a\\_biblioteca/](https://bpaped.azores.gov.pt/a_biblioteca/)

<https://www.ces.uc.pt/biblioteca/documentos/CDU.pdf>

<https://dicionario.priberam.org/>

<http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/bibliotecasPublicas/Paginas/manifestoUnescoBibliotecasPublicas.aspx>

---

<sup>3</sup> Todos os sites foram consultados entre janeiro e março de 2020.

## Anexos

### Anexo I

Tinha o marido entrevado havia muito tempo. Diga-se, em boa verdade, que, na altura em que este fora válido e saudável, acusava já prenúncios de paraliz(s)ação de movimentos, na inimizade com que tratava o trabalho. Os fregueses costumavam, por isso, dizer que ele nascera cansado. Permanecia, agora, quase imóvel na cama, com o enorme ventre a emergir duma manta que o cobria, obeso pela inacção, com aquele único incisivo na boca, que lhe imprimia o aspecto de ruminante, quando fazia movimentos com os lábios, dando a impressão de mastigar as palavras que pronunciava. Nessa postura, assemelhava-se às imagens concretizadas dos lobisomens, que figuravam nas crendices populares.

A moléstia azedara-lhe o ânimo, com reflexos nos assomos de cólera e nos insultos dirigidos à Tia Bispa, os quais se traduziam em epítetos importados da pecuária aldeã e adaptados ao género humano.

Era ela a colaboradora nas suas abluções matinais, incompletas e custosas, como é de supor. O pior suplício para esta ainda era suportar-lhe as rajadas incontidas das «gentilezas» com que ele a mimoseava.

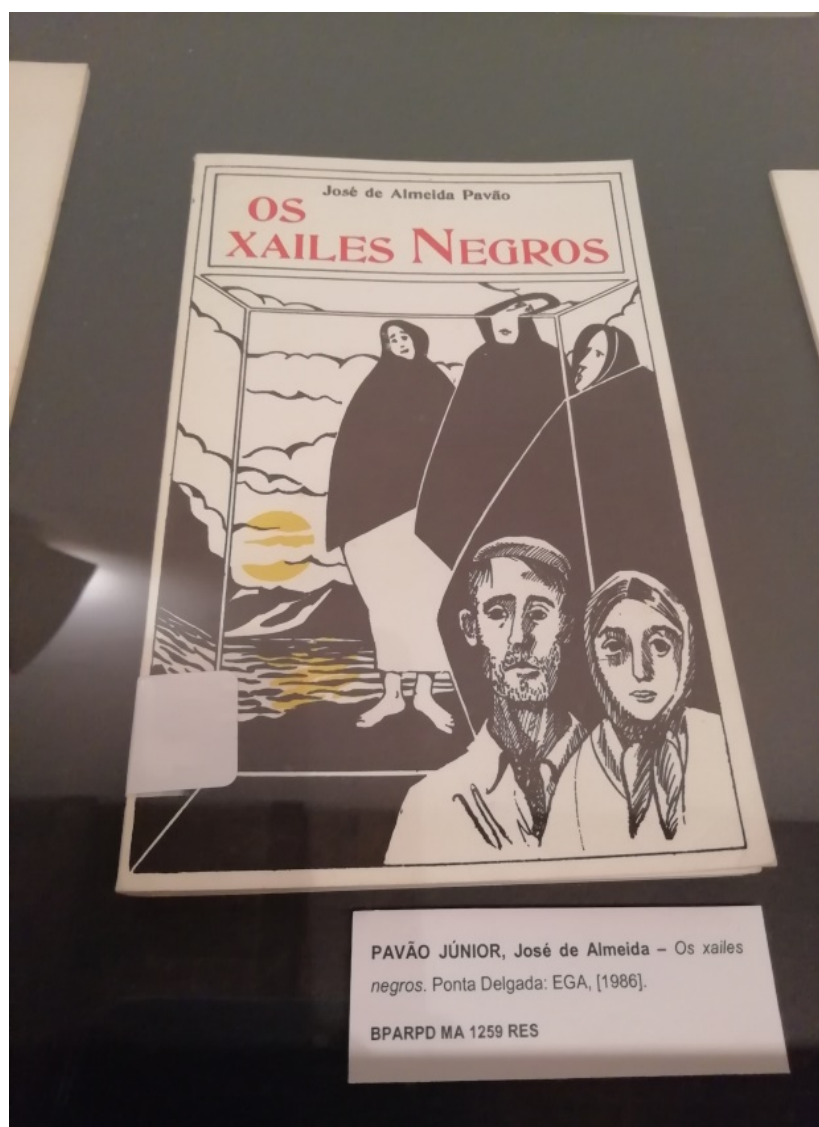
- Eu bem te aconchego com os cobertores, mas, pelos vistos, acordas sempre com os pés de fora.

O Carracol – era esta a alcunha por que o conheciam – percebia o significado, mas, quando um mau jeito lhe provocava uma dorzinha num quarto, quase pulava no leito.

- Corina, que não tens jeito nenhum! Se fosses uma vaca ou uma égua, já te tinha *vandido* ou mandado para o pasto, a ver se criavas umas arrobas de rabadilha. Assim p'ra|que é que serves? P'ra nada!

**Figura 1** – Imagem de uma página da transcrição que apresenta o sistema colorido criado por mim para a revisão do texto.

## Anexo II



**Figura 2** – Capa original d’*Os Xailes Negros* e a respetiva referência bibliográfica (Exposição).



### Anexo III

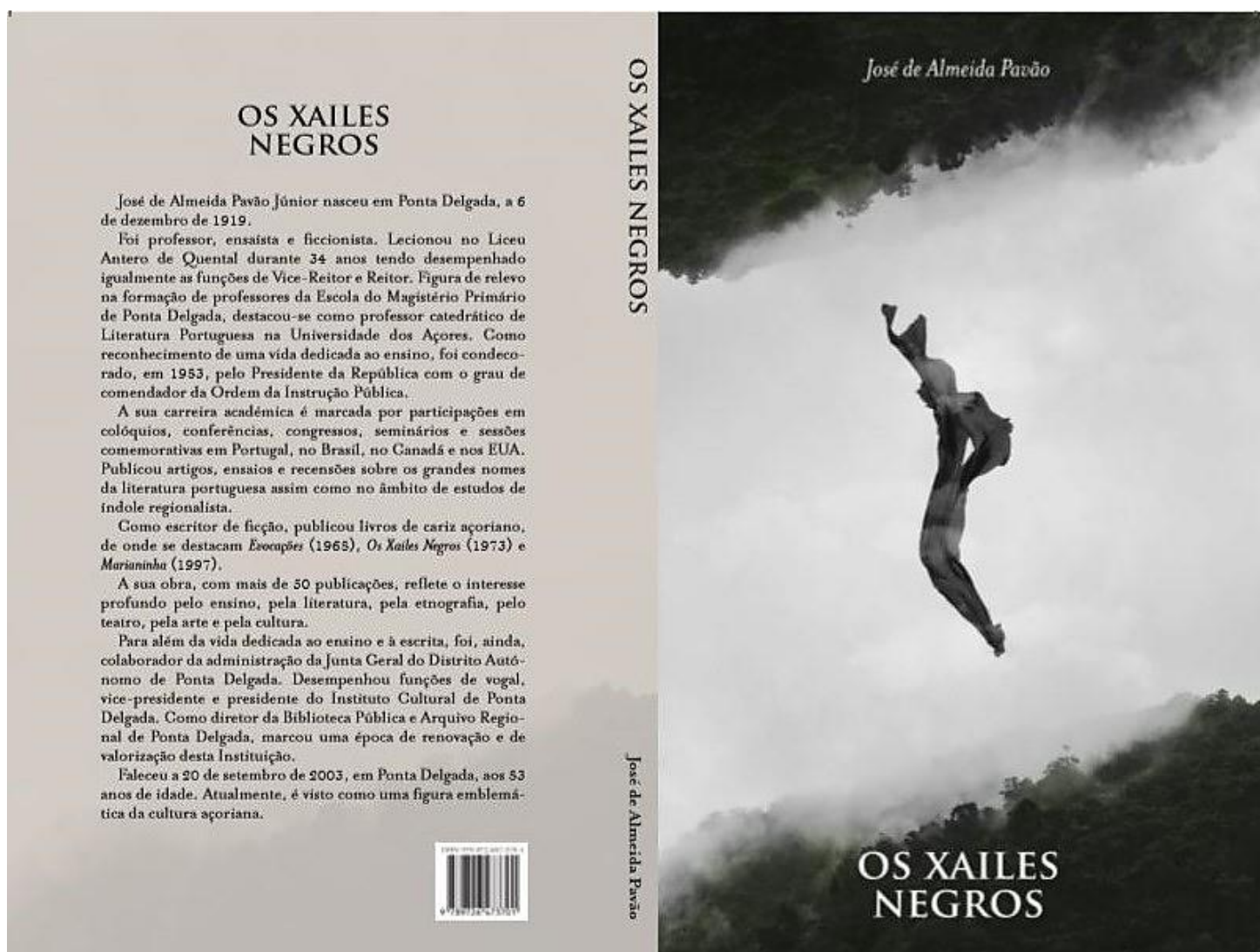


Figura 3 – Contracapa, lombada e capa da nova reedição.

## Anexo IV

### FICHA TÉCNICA

**Edição**

Secretaria Regional da Educação e Cultura  
Direção Regional da Cultura

**Título**

*Os Xailes Negros*

**Coordenação**

Susana Goulart Costa

**Realização**

Anabela Cabral / Daniela Sampaio / Iva Matos

**Produção**

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

**Design Gráfico e paginação**

Anabela Cabral

**Transcrição e revisão**

Daniela Sampaio

**Impressão**

Nova Gráfica, Lda.

**Tiragem**

1000 ex.

**ISBN**

978-972-647-370-1

Esta revisão não segue o Novo Acordo Ortográfico.

**Figura 4** – Ficha técnica da nova reedição.

## Anexo V

Faltava um ano para a Revolução de 25 de abril quando José de Almeida Pavão publica a sua obra “Xailes Negros”. Impressa com uma pequena tiragem pela oficina tipográfica do *Diário dos Açores*, a grandiosidade literária do romance adquiriu brilho artístico pela estética da capa projetada por Tomaz Borba Vieira.

Dez anos depois da implantação do regime autonómico, o romance “Xailes Negros” ganha novos leitores e outros públicos, conjugando-se uma segunda edição da obra com a sua adaptação a série televisiva pela RTP-Açores. Assim, em 1986, a bruma da Lagoa das Sete-Cidades, território telúrico que absorve a negrura dos xailes femininos, é de novo dissipada pela mão de José de Almeida Pavão.

Em 2019, estamos longe desse universo traçado pelo Professor da Universidade dos Açores. Esgotadas as duas edições anteriores, o cenário efetivo e afetivo por ele romanceado, face ao seu cariz regionalista, assume relevância atual, justificando que a Direção Regional da Cultura, através da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, tenha assumido a responsabilidade de avançar com uma terceira edição da obra. Efetivamente, a partir de um enredo regional repleto de saudade, guerra, dores de alma e aspirações mais ou menos utópicas, traduz-se uma realidade global e universal, facilmente sentida e partilhada por muitas outras “estórias” locais.

A ficção lançada no palco das Lagoa das Sete Cidades assume, desta forma, um perfil realista que tece as agruras da sociedade açoriana da década de 1970, onde quase tudo era impossível...

Com esta etno-literatura, os “Xailes Negros” permitem, afinal, descodificar uma realidade que está na memória de muitos. Mas para outros, muito outros, esta negritude nunca existiu. Os Açores de 2019 são, felizmente, uma realidade antípoda, distante no espaço e no tempo. Um outro Arquipélago. Neste, escasseiam, cada vez mais, as mulheres vedadas pelos seus xailes negros... Mas as sequelas deste pulsar insular, em ilhas que se multiplicam por muitas outras ilhas, ainda são recordadas nas angústias geracionais dos que ficaram e dos que saíram de portas sempre entreabertas.

Por este motivo, a leitura dos “Xailes Negros” reabre perspectivas, traduz memórias, fixa linguagens e desperta-nos para um passado. Por este motivo, é um hino ao presente!

Susana Goulart Costa  
Diretora Regional da Cultura dos Açores

**Figura 5** – Prefácio da nova reedição.

## Anexo VI



**Figura 6** - Postal e cartões de visita que pertenciam ao autor (Exposição).

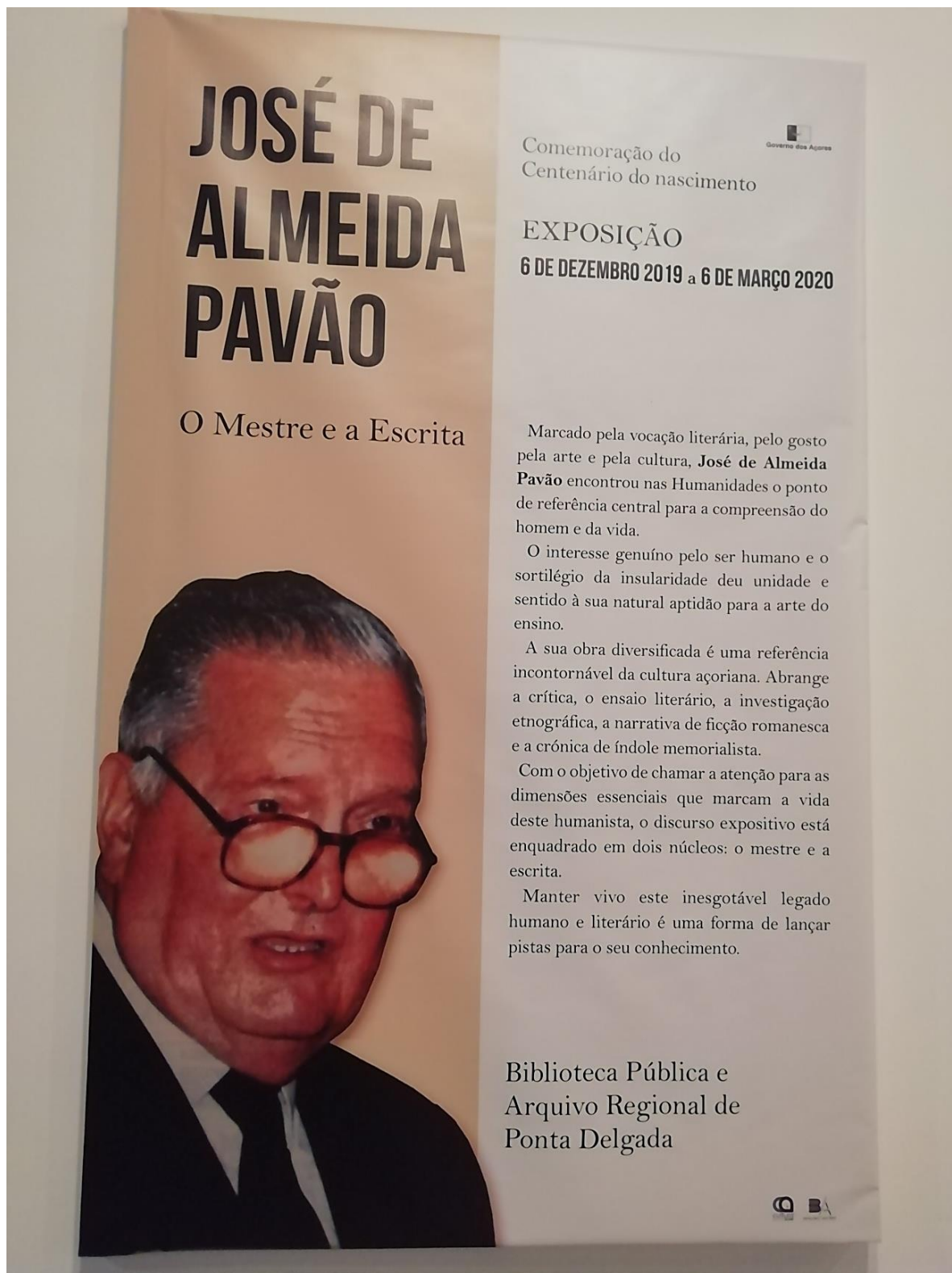


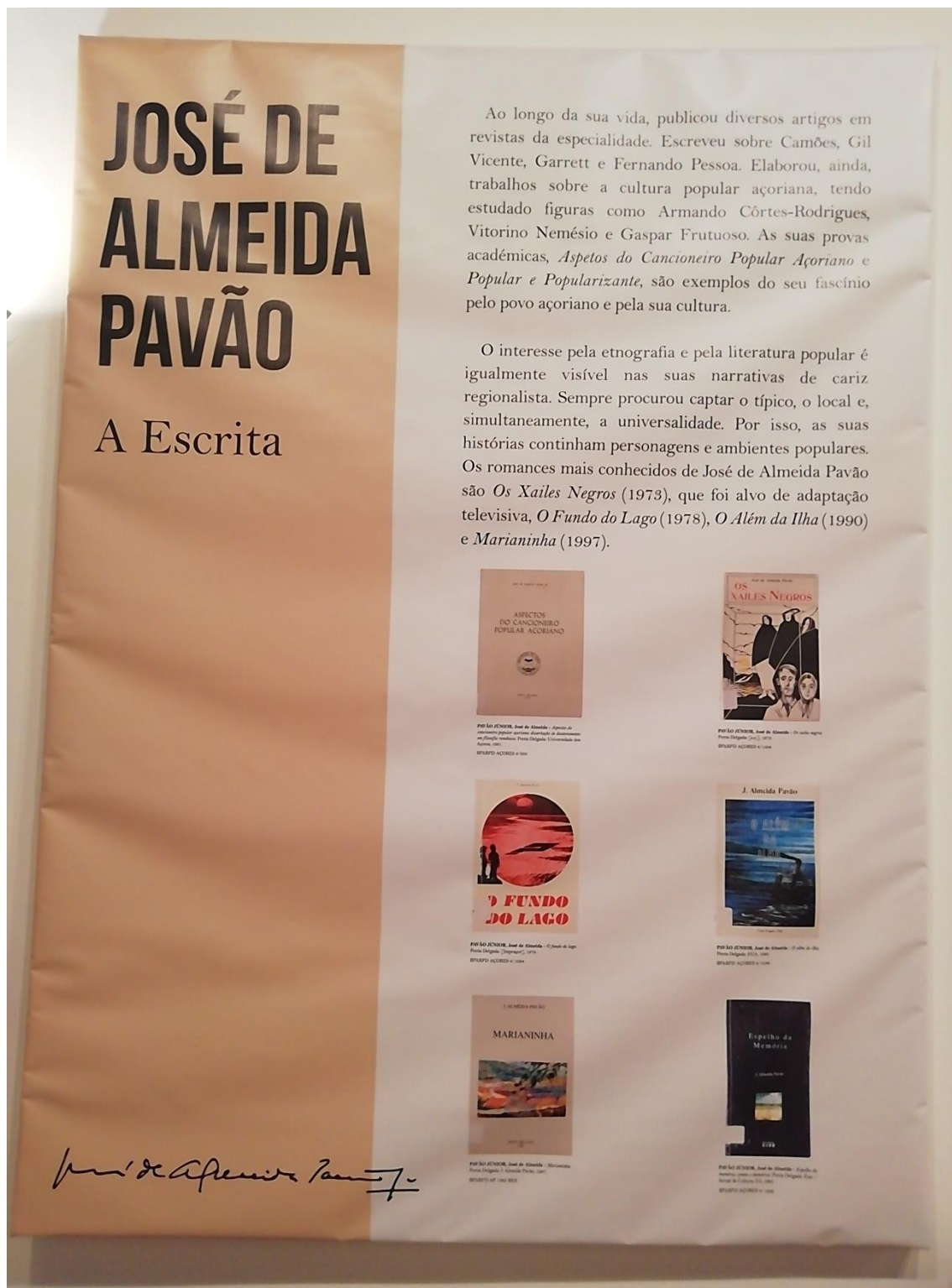
Figura 7 – Primeiro painel da exposição.



## Anexo VIII



Figura 8 – Segundo painel da exposição.



**Figura 9 – Terceiro e último painel da exposição.**

## Anexo X



**Figura 10** – Máquina de escrever do autor e um exemplar de uma das edições mais antigas d'*Os Xailes Negros*.



## Anexo XI



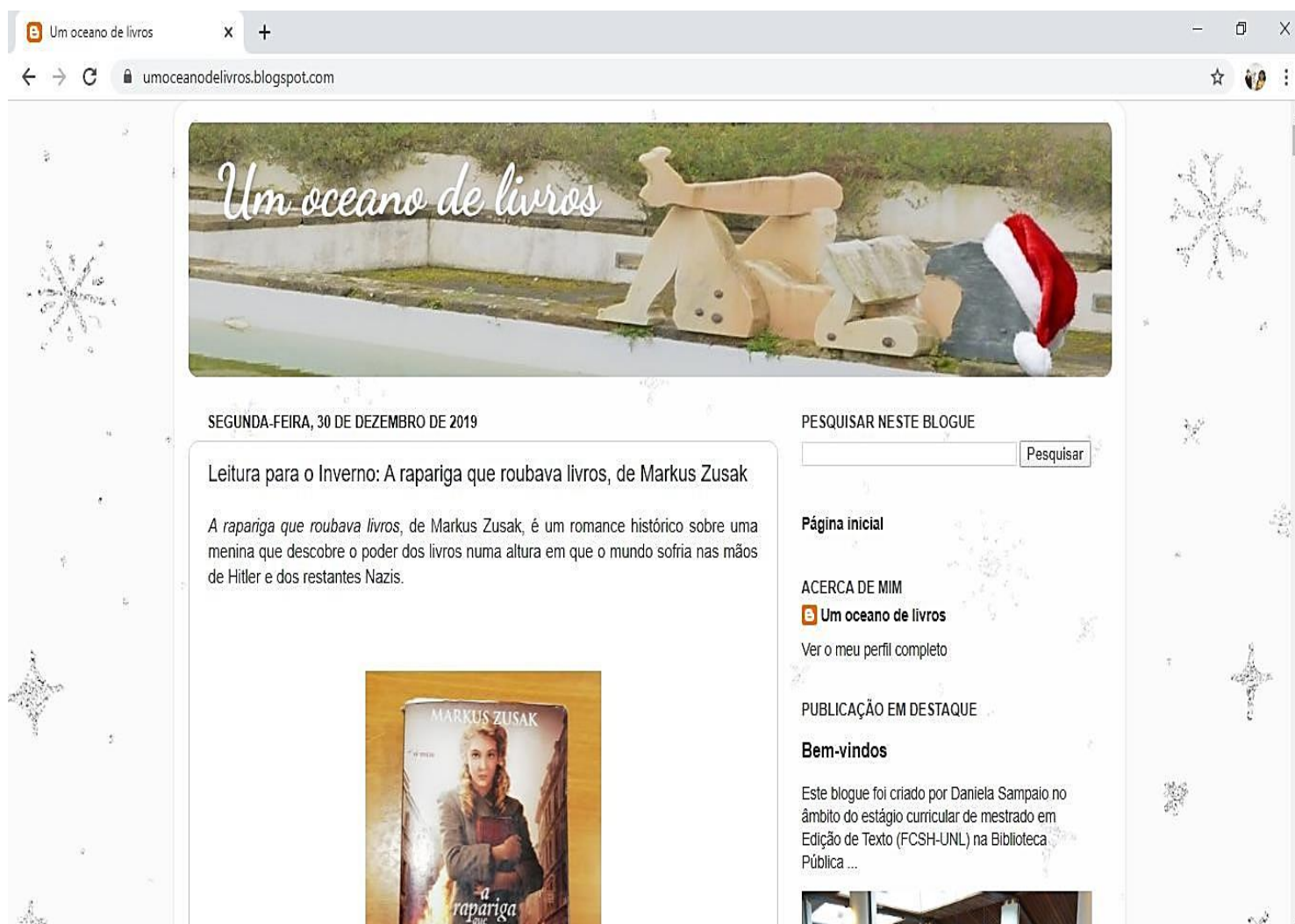
**Figura 11** – Capelo e barrete (traje académico) do autor.

## Anexo XII



**Figura 12** – Livros do autor expostos.

## Anexo XIII



**Figura 13** – Aspeto (atual) do blog *Um oceano de livros*.

## Anexo XIV

← → ↻ umoceanolivros.blogspot.com/2019/11/encontro-com-escritora-margarida.html


SEXTA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO DE 2019

### Margarida Fonseca Santos na BPARPD

Margarida Fonseca Santos nasceu a 29 de novembro de 1960, em Lisboa. Tirou o Curso Superior de Piano no Conservatório porque queria ser professora de Formação Musical. Deu aulas em várias escolas e começou a escrever em 1993. À medida que a sua paixão pela escrita foi aumentando, a sua vida também foi sofrendo algumas alterações. Acabou por deixar de ensinar música para se dedicar à escrita a tempo inteiro.

Tem imensos livros publicados, principalmente para crianças e jovens. Muitos dos seus livros fazem parte do Plano Nacional de Leitura. Por vezes, escreve para teatro. Tem coleções com outras autoras, como a coleção juvenil *7 Irmãos*, com Maria João Lopo de Carvalho, e *As Aventuras de Colombo*, com Maria Teresa Maia Gonzalez.

Atualmente, tem projetos relacionados com a escrita criativa e a saúde mental. Tem, agora, uma coleção juvenil intitulada *A Escolha é Minha*, cujos livros abordam vários temas, como o *bullying* e o luto.



PESQUISAR NESTE BLOGUE

Pesquisar

Página inicial

ACERCA DE MIM


Um oceano de livros

Ver o meu perfil completo

PUBLICAÇÃO EM DESTAQUE

Bem-vindos

Este blogue foi criado por Daniela Sampaio no âmbito do estágio curricular de mestrado em Edição de Texto (FCSH-UNL) na Biblioteca Pública ...



SEGUIDORES

Seguidores (2)

NÚMERO TOTAL DE VISUALIZAÇÕES DE PÁGINA

303

Denunciar abuso

Figura 14 – Uma das publicações sobre eventos literários: “Margarida Fonseca Santos na BPARPD”.